

The background features a decorative graphic consisting of three overlapping blue circles of varying sizes, arranged in a vertical line. Two thin blue lines intersect at the top left, forming a large 'V' shape that frames the circles. The circles are composed of concentric layers of different shades of blue, creating a 3D effect.

# **A Arte de Viajar**

## **Estudos Interculturais aplicados ao turismo**

1. Introdução;
2. Partida;
  - 2.1. I. Antecipação;
  - 2.2. II. Lugares de passagem;
3. Motivos;
  - 3.1. III. Exotismo;
  - 3.2. IV. Curiosiade;
4. Paisagem;
  - 4.1. V. O campo e a cidade;
  - 4.2. VI. Do sublime;
5. Arte;
  - 5.1. VII. A revelação pela arte;
  - 5.2. VIII. A posse da beleza;
6. Regresso;
  - 6.1. IX. Sobre o hábito;
7. “A Arte de Viajar”;
8. Portugal;
9. Conclusão;
10. Bibliografia..

# Introdução

O presente trabalho tem como principal finalidade o relacionamento da obra “A Arte de Viajar” de Alain De Botton, com os temas estudados na aula.

O trabalho está organizado conforme os capítulos da obra, divide-se em 9 sub-capítulos, e estes estão divididos pelos 5 capítulos principais, que falam da partida, das motivações, da paisagem, da arte e do regresso. Em cada uma delas ele faz um paralelo entre experiências próprias e de outras pessoas que, de alguma forma, acabaram por inspirá-lo.

Pretendo realizar este trabalho com sucesso, ficando a perceber melhor a matéria estudada nas aulas e a adquirida pela obra.

# Partida:

## I. Antecipação:

Neste primeiro capítulo, Alain De Botton, fala da sua viagem aos Barbados, com a sua copanheira, e mostra como nem sempre o destino é como imaginamos.

Decidiu fazer esta viagem devido a uma fotografia que virá numa brochura, nesta viam-se “palmeiras, céus lavados e praias brancas”, e durante dois meses de antecipações, só lhe passavam pela cabeça três imagens, “a primeira era uma praia com uma palmeira ao pôr do Sol. A segunda era a de um bungalow de hotel..., a terceira era a de um céu azul”.

Chegando ao destino, houve uma altura que conseguiu ver essas imagens, mas devido ao seu estado de espírito, não o conseguiu aproveitar como queria. Também se deparou com imagens que não estava à espera, e que o decepcionaram, como, por exemplo, filas de turistas para examinar os passaportes, anúncios, “uma massa confusa de motoristas e táxi e de guias turísticos às portas do edifício” e não havia nada de interessante entre o aeroporto e o hotel, apenas fábricas e feiras de edifícios.

De Botton, escolhera este destino, porque procurava algo que Londres, seu local de residência, não tinha. As informações sobre turismo difundidas pelas redes globalizadas criam uma representação global de locais e de culturas e incentivam o desejo de visitá-los. Foi atraído por estas representações, que são imagens e discursos impostos através dos media e do senso comum, mas quando chegou, deparou-se com a realidade vivida no local.

Neste capítulo, podemos também ver que o destino, tem cultura popular enquanto cultura de massas, ou seja, tem uma cultura globalizada, cujas manifestações são produzidas por empresas/indústrias com recurso às mais diversas tecnologias, com a finalidade de obtenção de lucro, independentemente da participação a comunidade/indivíduo a que se destina, está

ligada ao consumo, ao supérfluo, ao lazer e aos sectores secundário e terciário da economia.

Podemos encontrar, como o escritor diz, “um enorme depósito de gasolina ... da British Petroleum...”.

Encontramos influências "estrangeiras", como anúncios, fábricas, até no taxi onde o autor foi transportado do aeroporto para o hotel.

Os Barbados são uma ilha paradisíaca mas é também um ambiente criado, foram criados resorts que têm tudo o que é familiar aos turistas e, também, tem experiências do destino visitado.

Além disto, De Botton, fala em algumas viagens relatadas por Huysmans, sobre o duque Des Esseintes. Este pensou em ir a Londres, mas depois de visitar uma taberna inglesa, decidiu que não valeria a pena porque seria igual ao ambiente da taberna mas com mais decepções. Este, também, viajou até à Holanda, mas acabou por perceber que se sentia mais na Holanda quando contemplava imagens do país num museu do que quando viajava.

## II. Lugares de Passagem:

Neste capítulo é abordado como os locais de passagem são lugares de autoconhecimento.

Charles Baudelaire, durante toda a sua vida, sentiu-se atraído pelos portos, docas, estações e comboio, navios e quartos de hotel. Era um poeta que soube dar expressão à beleza dos lugares de passagem e dos meios de transportes. Pois era através deles que nos podíamos distanciarmos de nós mesmos, de nossa vida normal, de nossa rotina enfadonha.

Viajar nos transporta a outras realidades, não necessariamente melhores do que as nossas, mas diferentes. E, por vezes, essa sensação de não sermos iguais àqueles que habitam o nosso destino nos faz perceber o quanto podemos estar sozinhos.

De Botton, refere, também, as pinturas de Edward Hopper, este tinha em comum com Baudelaire, o mesmo interesse pela solidão e pelos lugares de passagem.

# Motivos:

Todos os turistas são diferentes e, por isso, todos têm diferentes motivos para viajar. Cohen propõe a seguinte tipologia para classificar os modos de motivação turística:

1. **Modo Recreacional**: Turistas condenados a procurar no seu lazer no esquecimento temporário e conforto das atividades do dia a dia.
2. **Modo Diversional**: Turistas que não se importam com a artificialidade do local onde se encontram, cujo objetivo é descanso e recuperação.
3. **Modo Experiencial**: Turistas que desejam experienciar a estranheza e a novidade de outras paisagens, modos de vida e culturas, talvez por causa de um sentimento de que a vida quotidiana é superficial e sem sentido. Eles contentam-se em observar e obter prazer a partir do facto de que outras culturas operarem de forma diferente.
4. **Modo Experimental** : Turistas que experimentam e participam nas outras culturas, mas não podem comprometer-se a qualquer estilo de vida particular.
5. **Modo Existencial**: Turista realiza viagens em busca pela comunhão humana [ou da pessoa] e a realização dos seus desejos da simplicidade e da proximidade com a natureza.

Existe uma variedade de motivações que as pessoas podem ter para viajar e mostrar que caracterizar os turistas como um grupo homogéneo pode ser errado. Com efeito, a mesma pessoa pode aprovar mais de uma das identidades acima ao longo da vida.

Este capítulo tem dois sub-capítulos, “Exotismo” e “Curiosidade”, onde o autor expõe os seus motivos para viajar, e das suas inspirações.

### III. Exotismo:

De Botton, começa por relatar sobre uma viagem a Amesterdão, onde sentiu, logo no desembarque, “uma impressão de prazer”, simplesmente por causa de um painel de sinalização, pelo “exotismo” das suas palavras. Era a primeira prova de que tinha chegado a um lugar diferente.

“Os países distinguem-se uns dos outros e as práticas mudam quando mudam as fronteiras.”, ou seja cada país tem as suas práticas significantes e códigos culturais. Quando duas pessoas pertencem à mesma cultura, eles interpretam o mundo de forma semelhante e exprimem-se de um modo que lhes permite serem compreendidas uma pela outra. Isto não quer dizer, que em qualquer cultura não exista uma grande diversidade no modo como se interpreta ou representa qualquer tópico.

Os códigos culturais, organizam e regulam as práticas sociais, influenciam a nossa conduta e, por consequência, têm efeitos práticos muito reais.

Podemos aqui aplicar a definição contemporânea de cultura: processos através dos quais a cultura é produzida e que formas assume, mais do que as simples “estruturas de pensamento” e formas de vida que estas revelam.

Temos como exemplo neste capítulo, destas práticas sociais e códigos sociais, as bicicletas estacionadas diante de cada casa ou prédio. Amesterdão é famosa pela vasta utilização deste meio de transporte, que pode ser vista como parte da sua cultura.

O escritor fala também de Gustave Flaubert, este sentia desprezo pela sua cultura e admiração pelo Médio Oriente, local que desejava visitar e que visitou. Lá sentiu-se inserido, encontrou a sua identidade e atitude perante a sua existência. Para ele “O Egipto era um suporte para representações e valores que integravam a sua identidade, mas perante os quais a sociedade a que pertencia mostrava pouca compreensão”.

Nesta sua viagem podemos encontrar exemplos de cultura popular enquanto “folclore”, que é uma cultura regional, tradicional, cujas manifestações são produzidas pela comunidade e para a comunidade, sem fins lucrativos primordiais. Está ligada à economia da subsistência no mundo rural e piscatório e ao sector primário da economia.

Temos , por exemplo, “barqueiros que gritavam, carregadores núbios que ofereciam os seus serviços, mercadores que regateavam, os sons que soltavam as galinhas sacrificadas, os burros zurzidos, o lamento dos camelos.”, “...largas túnicas brancas, e dentes de marfim cintilando entre lábios grossos e sob narizes negros achatados, e pés cobertos de pó, e colares, e pulseiras” e nas janelas “...desenham ramos de flores, pavões reais e outros objectos alegres e coloridos,...”, “...há por vezes pinturas toscas do templo de Meca, ou da sepultura do Profeta, ou desenhos de flores ou de outros objectos, executados por artistas mulçumanos...”. São, também, referidas as pirâmides, as bailarinas no Cairo, e os camelos.

Atualmente, podemos dizer que, a cultura do Médio Oriente e as tradições árabes, como por exemplo a dança do ventre, são admiradas por muita gente. No Médio Oriente, existem muitos lugares que ainda não foram totalmente explorados pelos ocidentais, e, por isso, causa grande curiosidade. Alguns países como os Emirados Árabes Unidos e Israel, possuem uma boa estrutura para oferecer aos viajantes, e nos últimos anos alguns países têm se esforçado para transformar a região num centro turístico. Contudo, pelo facto, de ser uma região considerada um local de divergência religiosa e política, é difícil conquistar a confiança dos turistas.

Raymond Williams, defendia que o significado concedido aos objectos físicos e aos conceitos abstratos não é inerente, mas advém da forma como estes são utilizados por um determinado grupo ou sociedade, num certo momento e contexto. No entanto, significados diferentes em co-presença podem gerar conflitos, que se exprimem em comportamentos e práticas concretas. Os conflitos no Médio Oriente são um exemplo de significados diferentes em co-presença.

É também no Médio Oriente que podemos encontrar um dos ambiente criados mais conhecidos do Mundo, o Dubai. Um ambiente criado é o resultado de interesses compartilhados, de experiência individual, de interesse económico, de decisões políticas e do local geográfico. É um local onde os turistas têm tudo o que lhes é familiar e, também, tem experiências do destino visitado, sem a presença da decadência do Terceiro Mundo (pobreza, drogas, crimes, entre outros), mas com o exótico, o erótico e o selvagem feliz.

Para dar essa imagem, a comunidade local é apenas usada para servir o turista, em alguns casos, são só usados para a desejada representação indígena, que o turista espera.

Existem alguns locais turísticos que podem ser caracterizados como “culturas turísticas” por causas das influências culturais predominantes de visitantes, sendo, assim, possível considerar a invenção de comunidades turísticas que têm pouca relação com as populações locais, entre os quais elas surgem.

## IV. Curiosidade

É nos descrito a sua viagem a Madrid, onde o agente refere que não sente interesse pela cidade, pois todos os monumentos, igrejas, museus, fontes, praças e ruas de comércio já “...tudo se sabia e tudo estava medido.”. Além da inexistência de algo que ele pudesse descobrir, teve problemas com o facto de não achar assim tão belo como eram descritos alguns monumentos.

Tentou imaginar a lista de interesses em Madrid que faria se fosse ele a classificar, era lhe interessante a “...reduzida presença de verduras na dieta...”, “...os longos nomes de família de cidadãos comuns...”, ...as proporções diminutas dos pés masculinos e a atitude frente à arquitectura moderna...”.

Durante esta viagem, ele pensara em Alexander von Humboldt, este viajara para a América do Sul em 1799, nesta altura a Europa ainda desconhecia boa parte da América do Sul. Na sua viagem, “Humboldt transformou o quadro do saber”, ele trouxe informação sobre plantas, novas espécies, corrigiu mapas, investigou o magnetismo terrestre, cartografou cursos de água, mediu os efeitos da pressão atmosférica e da altitude sobre a vegetação, entre outros.

Como poucos europeus tinham viajado para aquele local, Humboldt pôde classificar o interesse do mesmo sem ser contrariado. Também escalou o pico vulcânico do Chimborazo no Peru, onde anotava tudo o que via e a que altura via, como moscas, borboletas, musgo e líquenes.

De Botton, admirava Humboldt e queria ter a oportunidade de explorar Madrid como ele explorou a América do Sul e o Chimborazo, com isto, podemos concluir que Alain De Botton era um viajante.

Um viajante visita lugares à procura do autêntico, são mais parecidos com os peregrinos de antigamente, procurando entender e participar nas culturas que visitam.

O turista, por outro lado, procura lazer e diversão na companhia de outras pessoas com desejos semelhantes, preferem as atividades superficiais, triviais e não autênticas, fornecidas pela indústria do turismo de massa.

O central para a ideia de turismo é a experiência de olhar. Urry identificou dois modelos de olhar que podem ser alinhados com as distinções feitas entre “viajantes” e “turistas”. Estes são o "romântico" (viajante) e o "coletivo"(turista). O olhar romântico exige solidão, privacidade e uma relação pessoal com o objeto a ser analisado. O olhar coletivo requer outras pessoas.

# Paisagem

## V. O campo e a cidade

O autor desloca-se para a Região de Lagos, por motivos pessoais e, também, por um poeta que ali passara, William Wordsworth.

Na segunda metade do século XVIII, era um local a que os habitantes das cidades se deslocavam pela preocupação de revigorarem a saúde do corpo e harmonia da alma.

Para Wordsworth, a natureza representava um “antídoto indispensável” frente à intoxicação psicológica decorrente da vida na cidade. A princípio, era um poeta “espezinhado”, mas acabou por ser triunfante e a sua poesia passou a atrair turistas aos lugares que lhe tinham dado inspiração.

Wordsworth dizia que a natureza fazia com que mostrássemos a nossa verdadeira identidade.

A cultura implica a interação entre pessoas, grupos e instituições. E são estes, em conjunto com a nossa subjectividade individual, que produzem as formas e práticas culturais de uma qualquer sociedade. Do mesmo modo, as identidades que um indivíduo adota são, pelo menos em parte, produzidas pelos contextos sociais e culturais em que se insere. Por vezes, parece que a essa identidade está escondida ou oprimida pelas exigências dos papéis sociais ou das convenções culturais.

O contexto histórico, a nacionalidade, a etnia, o género, a orientação sexual, a religião, a idade, as condicionantes físicas e as demais circunstâncias sociais influenciam a forma como nos identificamos e somos identificados pelos demais.

Wordsworth, acreditava que a contemplação da natureza, fazia com que a nossa verdadeira

identidade fosse exposta e as nossas preocupações, como a inclusão e a exclusão, fossem esquecidas por breves momentos.

Na Região de Lagos, existe uma cidade chamada Ambleside, que, apesar de ser pequena, tem muito movimento devido aos turistas. Como para esta cidade o desenvolvimento turístico beneficia economicamente, eles acolhem as mudanças. Mas também podemos encontrar pessoas que não são beneficiadas diretamente, mas que continuam a viver na área, e têm orgulho em mostrar o seu local aos visitantes. No entanto, existem pessoas que foram deslocadas e que não beneficiam financeiramente do turismo, que podem ver os turistas como indesejáveis.

## VI. Do sublime

Como já vimos anteriormente, De Botton é um viajante. Visitava à procura do autêntico.

Certo dia, partiu para o deserto do Sinai, para viver uma experiência do sublime.

Segundo Edmund Burke, “o sublime associava-se a um sentimento de fraqueza”. Uma paisagem é considerada sublime quando sugere força, uma força maior que a dos humanos e que os ameaça. Mas porquê procurar o sentimento da “nossa pequenez” e comprazendo-nos nela?

Nem tudo o que desafia a nossa vontade é odioso. Tanto pode provocar ira e ressentimento, como admiração e respeito.

Estas paisagens sublimes, ajudam-nos a aceitar, sem queixas, os obstáculos que não somos capazes de superar e os acontecimentos que não somos capazes de controlar.

# Arte

## VII. A revelação pela arte

Num verão, De Botton foi convidado por uns amigos a visitar Provença. Quando lá chegara, ficara por momentos a ver a paisagem, tentava procurar “beleza”, mas no final não conseguiu.

Vincent van Gogh, teria ido à Provença, e encontrou beleza em diversas alturas do ano, e em vários sítios. Este dizia que a muitos pintores lhes tinha escapado o essencial, que não tinham conseguido produzir retratos realistas de Provença. Mas essa produção vai depender do estilo e do temperamento do artista.

A partir de Van Gogh, De Botton, começou a dar-se conta que havia algo de invulgar nas cores de Provença.

Muitas turistas, visitam certos destinos, devido a obras de arte, e o posto de turismo em Arles, apercebeu-se disso e elaborou o “circuito no rasto de Van Gogh”, onde se passa pelos locais que o artista pintou.

No turismo, é comum explorar locais que inspiraram artistas famosos. E tem muitos turistas que, tal como De Botton, gostam de sentir e contemplar a mesma beleza que os artistas sentiram.

Outros exemplos de locais que só começaram a ser populares entre os turistas devido à arte são os campos de Inglaterra, da Escócia e do País de Gales.

Portugal, também tem turistas que vieram devido a obras de arte e escritores. Como Fernando Pessoa, existe um roteiro com os sítios onde morou, trabalhou e frequentou. Temos também, Almeida Garrett, José Saramago e Eça de Queiroz.

## VIII. A posse da beleza

Neste capítulo, o escritor questiona como é possível ter a posse da beleza. Podemos tirar uma fotografia ou comprar recordações.

John Ruskin, dizia que a melhor maneira de ter posse da beleza era tentar descrever os lugares belos através da arte, da escrita ou do desenho, mesmo que não tenhamos o mínimo de talento que justifique fazê-lo.

Enquanto Thomas Cook, começava a organizar as primeiras visitas de turistas aos Alpes, Ruskin preocupava-se em descobrir uma maneira de ensinar toda a gente a desenhar. Preocupa-se pelo facto das pessoas não verem todos os promenores que lhes rodeam e aos desenhar iriam reparar na beleza desses promenores.

Ruskin não incitava só a desenhar durante as viagens, também dizia que devíamos escrever, a pintura com palavras, este método não se limitava apenas à descrição da aparência dos lugares, mas analisava também a força de esses lugares por meio de categorias psicológicas (exemplo, a terra *tímida*).

De Botton, começou a desenhar e a desenhar com palavras as paisagens nas suas viagens.

# Regresso

## IX. Sobre o hábito

Neste último capítulo, De Botton regressa a Londres dos Barbados, e descobre que a cidade não mudou na sua ausência.

Tentou fazer uma viagem ao seu bairro, como Xavier de Maistre fez pelo seu quarto, ao fazer este tipo de viagem, podemos descobrir coisas interessantes mesmo no sitio que sempre vivemos e que nunca pensamos que haveria mais alguma coisa a descobrir.

Nesta viagem pelo bairro, De Botton, considerou todas as coisas como potencialmente interessantes e olhou à sua volta como se nunca tivesse estado ali. Descobriu que o seu local de residência era um sitio com interesse e belo.

# “A Arte de Viajar”

No geral, todas os artistas que inspiraram De Botton nas suas viagens, pertenciam aos séculos XVIII e XIX, por isso podemos concluir que faziam parte da aristocracia britânica e dos ricos burgueses da Europa. Alguns deles eram considerados viajantes outros eram turistas, mas todos nos mostrar como aproveitar ao máximo a beleza e o prazer das paisagens e do desconhecido.

Como Emile Durkheim argumentou, todas as sociedades fazem distinção entre o sagrado e o profano, e os nossos agentes não são exceção. Para todos eles o sagrado é viajar, explorar e contemplar as paisagens, e o profano é a vida quotidiana e entediante.

Na obra, apercebemo-nos como os media podem dar uma ideia errada do destino a que queremos viajar, criando-nos, à chegada, decepções. Por isso temos que estar preparados para situações inesperadas.

Existem vários motivos para viajar, pode ser para esquecer o quotidiano temporariamente, para descanso e recuperação, para experienciar novas culturas e sentimentos, para experimentar e participar nas outras culturas ou para procura existencial.

É, também, abordado o tema das práticas significantes e códigos culturais dos países, e como os significados diferentes em co-presença podem gerar conflitos.

O autor apresenta-nos exemplos de cultura popular enquanto “folclore” e enquanto cultura de massas.

A criação de ambientes para o bem-estar do turista durante a sua estadia e a utilização, por parte do turismo, de população local, para os turistas sentirem que estão integrados na outra cultura.

Apercebemo-nos que a nossa verdadeira identidade aparece quando estamos com a natureza. Porque devido à cidade e à sociedade a que estamos inseridos, adoptamos

identidades que são esperadas pelos outros.

Por fim, toda esta obra mostra como a arte é um dos principais motivos para viajar. Os turistas querem ver e sentir o que lhes foi transmitido pelo um livro ou por uma pintura.

# Portugal

É apenas a partir do século XVIII, que os estrangeiros começam a visitar Portugal, que incluía, quase sempre, passeios a Sintra, Colares e Mafra. Estes viajantes, quando regressavam ao seu país, publicavam descrições sobre as suas viagens. Começam a existir guias e roteiros, maioritariamente publicados no estrangeiro.

Os estrangeiros começavam a deslocar-se a Portugal por curiosidade pela cultura e tradições, e escreviam obras nas quais analisavam efeitos e virtudes do povo português, levando à criação de estereótipos, representações vivas mas simplistas, que reduzem os indivíduos a um conjunto de traços característicos exacerbados e geralmente negativos. Os ingleses foram os principais difusores desta imagem de Portugal e dos portugueses no estrangeiros.

A literatura de viagens de estrangeiros constitui a principal fonte de informação sobre Portugal. Como por exemplo, o Lord Byron e o seu prazer pela região de Sintra, James Murphy e a sua viagem pelo Douro e Minho, Beira, Estremadura, e Tejo, Arthur William Costigan e William Beckford. Existem, também, artistas portugueses, que trazem turistas a Portugal, como Fernando Pessoa, Almeida Garrett, José Saramago e Eça de Queiroz. Vários artistas estrangeiros tiveram a sua inspiração em zonas Portugal, como por exemplo, J.K. Rowling, e o sua famosa obra “Harry Potter”, a escritora inspirou-se na cidade do Porto, na Livraria Lello, em António de Oliveira Salazar e pensa-se, que também, nos trazes universitários.

Concluindo, tal como os destinos apresentados na obra “ A Arte de Viajar”, Portugal apresenta o exótico, o mistério, a natureza, o sublime, ambientes criados e, também é visitado por turistas que leram sobre ele e viram pinturas e fotografias dele.

# Conclusão

Neste trabalho foram abordadas a obra “A Arte de Viajar” de Alain De Botton e a matéria dada nas aulas, foi alcançado o objetivo do trabalho, pois consegui relacionar alguns dos temas abordados com a obra.

Nem toda a matéria foi abordada porque não eram apresentadas na obra.

A partir de este trabalho, consegui perceber melhor a matéria e aprender a aproveitar ao máximo a beleza e o prazer das paisagens e do desconhecido.

# Bibliografia

- BOTTON, Alain De. *A Arte de Viajar*. 6ªed. D.Quixote;
- Textos de Apoio: Estudos Interculturais aplicados ao Turismo.